

SÍMBOLO, HISTÓRIA E REINO DE DEUS

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE PAUL TILLICH

Pesquisador: Guilherme Estevam Emilio
Universidade Federal de São Paulo
Departamento de Pós-graduação em Filosofia
Eixo Temático: Teologia Sistemática
Categoria: Comunicação Oral

Introdução

O trabalho pretende observar a relação estabelecida por Paul Tillich entre: símbolo, história e Reino de Deus. O principal referencial teórico é a *Teologia Sistemática*, especificamente a última parte desta obra.

A teoria do símbolo de Paul Tillich é uma das chaves hermenêuticas para a compreensão do pensamento deste autor. Além disso, tal teoria se mostra como uma ferramenta ainda atual para análise de fenômenos religiosos e para as Ciências da Religião. As noções sobre Reino de Deus e história de Tillich também foram muito relevante para as teologias contemporâneas. Não é difícil observar uma teologia atual que tenha alguma ligação com a obra desse autor. Isso se dá porque as perguntas e respostas colocadas por Tillich foram pertinentes ao seu tempo e permanecem sendo até os dias de hoje.

O objetivo deste trabalho é observar separadamente noções de Tillich sobre o símbolo, a história e o Reino de Deus. Ao observar tais noções em torno das obras do autor, também notaremos algumas mudanças de ênfases por parte do autor nas suas diferentes obras. Porém, o que mais nos interessa é a maneira pela qual Tillich fecha, em sua *Teologia Sistemática*, o que entende sobre esses termos. O autor não busca esgotar o sentido desses termos, como veremos adiante, mas tenta mostrar a maneira como entende e interpreta misturando símbolos teológicos com descrições filosóficas.

Teoria do símbolo

A teoria do símbolo de Tillich busca correlacionar aspectos teológicos à cultura, à história, ao ser e à existência em geral. Tal teoria explicita a importância da linguagem simbólica como meio de expressão da experiência religiosa. A teologia da cultura de Paul Tillich examina o significado religioso das manifestações culturais a partir da relação com os símbolos; a Teologia Sistemática, por sua vez, usa os símbolos religiosos como respostas teológicas às perguntas existenciais.

Tillich caracteriza os símbolos de modo diferente em diferentes ocasiões¹. No geral, há cinco características essenciais do símbolo: qualidade figurativa; poder inerente (um apelo existencial que o difere dos sinais); participa-

ção na realidade expressa; perceptibilidade (capacidade do símbolo de dar objetividade); aceitabilidade (CARVALHO, 2007, p.39).

No Brasil, uma das suas obras mais famosas é o livro *A Dinâmica da Fé*. O autor inicia sua abordagem sobre símbolos nesta obra expondo que “aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos”; diz também que “apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional” (TILLICH, 1985, p.30). Fica, assim, estabelecida uma relação direta dos símbolos com o que Tillich considera como preocupação religiosa.

Tillich destaca seis características específicas dos símbolos nesta obra. São elas: indicar algo que se encontra fora deles; participar da realidade que eles apontam; capacidade de levar-nos a realidades inacessíveis (como por ex. a arte e a poesia); abrir dimensões e estruturas da nossa alma que correspondem às dimensões e estruturas da realidade (ex. a música); a impossibilidade de serem inventados arbitrariamente devido a sua proveniência do inconsciente individual ou coletivo e também devido à forma deles “sobreviverem” somente quando radicam no inconsciente do nosso próprio ser; o surgimento e desaparecimento deles no tempo determinado – eles não morrem por causa da crítica, mas quando não mais encontram repercussão nas comunhões em que foram expressos (TILLICH, 1985, p.31-32).

Em todas as dimensões que o símbolo se manifesta seu caráter é sempre objetivo-subjetivo, imanente-transcendente. O símbolo teológico surge, geralmente, como mediador de questões essenciais e existenciais. Ele expressa preocupações últimas de indivíduos e grupos; responde a perguntas existenciais; remete ao incondicionado e, quando visto sob a análise histórica, aponta para uma vida sem ambiguidade. O símbolo institui forte crítica à linguagem técnica e científica, assim como às metanarrativas e preocupações últimas escondidas por trás de conceitos.

HISTÓRIA SIGNIFICADO E LUGAR DA HISTÓRIA

Segundo Paul Tillich, a história significa, primordialmente, pesquisa, informação, relato. Conhecer a história não significa conhecer fatos reais, mas investigar acontecimentos relatados. A consciência histórica precede os acontecimentos históricos². “A consciência histórica se expressa numa tradição, isto é, num conjunto de memórias que são passadas de uma geração à outra” (TILLICH, 2005, p.740). Uma tradição traz em si o conhecimento e informações de fatos, costumes e ideias importantes para grupos portadores e receptores dela. Antes mesmo de haver o relato, há uma tradição e um “lugar” onde pessoas vivenciam e selecionam eventos que consideram importantes. Esta tradição não é uma coleção casual ou imprevista de eventos recordados, mas

a transmissão de eventos que adquiriram importância para seus portadores e receptores. O significado que uma ocorrência tem para um grupo consciente da tradição determina se ela será ou não considerada um evento histórico.

A tradição concilia os relatos históricos a interpretações simbólicas. Ela não registra fatos puros e verdadeiros, mas recorda somente os eventos significativos mediante uma transformação simbólica dos fatos. Contudo, isso não pressupõe que o aspecto factual seja mera invenção ou que a história seja constituída pelo sujeito que a escreve. No momento em que ocorrências históricas passam a ser descritas de forma significativa, elas se transformam em símbolos. Esses símbolos apontam para tais ocorrências expondo questões objetivas e subjetivas. Dificilmente poderia se falar sobre o momento em que ocorrem a subjetividade e a objetividade, já que a exposição, a escolha e o sentido de determinado acontecimento histórico contêm tradições, fatos e interpretações. O termo “mescla” de mitos e acontecimentos mostra bem a dinâmica da construção de relatos.

Em relação aos portadores ou lugar da história, Tillich diz: “O ser humano se efetiva como pessoa no encontro com outras pessoas dentro de uma comunidade” (TILLICH, 2005, p.745). Os portadores diretos da história são grupos. Os indivíduos são portadores da história indiretamente. Porém, grupos são sempre comunidades de indivíduos; produtos da função social destes indivíduos. O indivíduo é portador da história somente como membro de um grupo. Os grupos se caracterizam pela forma de ação centrada. Eles precisam de um poder centrado que mantém unidos os indivíduos participantes e que preserva esse poder no encontro com outros grupos.

MÉTODO E ELEMENTOS TEOLÓGICOS PARA A INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA

Em sua obra *A era protestante*, Tillich busca envolver-se ativamente na situação histórica para poder falar sobre ela de maneira mais clara. Critica o chamado método objetivo, que se propõe a analisar a história do lado “de fora”. Isso é perigoso especialmente quando se fala em religião. A falta de preocupação em assuntos religiosos implica na rejeição a priori da exigência religiosa de ser “preocupada” em última análise. Nega-se, dessa maneira, o objeto que se pretende estudar “objetivamente”. O ideal seria uma mútua dependência dos pontos de vista “de fora” e de “dentro” (TILLICH, 1992).

Um dos métodos fundamentais para Tillich seria o princípio protestante³, princípio crítico e revolucionário desenvolvido no protestantismo. Em que consiste esse princípio tão importante para Paul Tillich? Para falar sobre isso será preciso levar em conta conceitos como: “justificação pela fé”, o “demoníaco” (e o pecado original), o *kairós*, a “*Gestalt* da graça” e “Igreja latente”. Esses elementos estruturam o princípio protestante.

Como não poderemos nos aprofundar nesses conceitos, daremos apenas uma descrição simples e básica que os engloba ao princípio protestante.

Poderíamos resumir justificação pela fé como o elemento fundamental que direciona a crítica do princípio protestante. Tal elemento engloba até mesmo o ceticismo e o ateísmo, uma vez que até mesmo a dúvida constitui um elemento da fé (TILLICH, 1992). O fundamental da experiência da dúvida é o desespero em relação ao sentido da vida, a seriedade desse desespero expressa o sentido no qual ainda estamos vivendo. E é esta seriedade “incondicional”, em termos tillichianos, que expressa a presença do divino na experiência de estarmos profundamente separados dele. Tillich (1992) relata ainda que “esta interpretação radical e universal da doutrina da justificação pela fé” (p.17) fez com que ele se tornasse um protestante consciente⁴.

O princípio protestante exige um método de interpretação da história capaz de expressar com certa ênfase a transcendência crítica do divino em oposição ao conservadorismo e ao utopismo, e de indicar concretamente a onipresença criativa do divino no curso da história. A esse propósito presta-se o conceito de *Kairos*. Ele incentiva a crítica protestante ao absolutismo histórico católico; impede a aceitação de qualquer crença utópica, progressista ou revolucionária, num futuro perfeito; supera o transcendentalismo luterano; cria a consciência histórica dinâmica na linha do cristianismo primitivo e dos primeiros tempos da Reforma; e, finalmente, provê a fundamentação teônoma para a criação do novo na história. Tillich (1992) entende que a ideia de *Kairos* une crítica e criação. *Kairos* significa plenitude do tempo. Esse conceito descreve o momento em que o eterno entra no tempo, e o tempo se prepara para recebê-lo. O acontecimento no *Kairos* único e especial foi o aparecimento de Jesus, o Cristo como o centro da história. A convicção da iminência de um *Kairos* na história depende sempre da percepção que se possa ter do destino e da realização do próprio tempo.

Outro conceito importante que está relacionado ao princípio protestante é o “demoníaco”. Por causa de uma reação dos filósofos iluministas ao uso supersticioso da ideia de demoníaco na Idade Média e no protestantismo ortodoxo, Tillich pensa que esse termo fora deixado de lado. A ideia do demoníaco, para Tillich (1992), expressa o poder “estrutural e inevitável do mal”. Entretanto a crença iluminista fora destruída pelas “tempestades de nossa época” e também pelo reconhecimento dos mecanismos destrutivos que determinam as tendências inconscientes de indivíduos e grupos. Daí surge um paradoxo na teologia de Tillich, qual seja, a superação do demoníaco. Se o mal tem caráter demoníaco ou estrutural capaz de limitar a liberdade dos indivíduos, só poderá ser superado por seu oposto, que é a estrutura ou *Gestalt* da graça (TILLICH, 1992).

Sobre a *Gestalt* da graça, Tillich (1992) diz que “a ideia de uma *Gestalt* da graça em nossa existência histórica não conseguiu se desenvolver porque

o protestantismo incipiente centralizou-se demasiadamente na justificação individual” (p.22). A Igreja na sua qualidade espiritual, enquanto objeto de fé, é uma *Gestalt* da graça. Porém, essa Igreja é mais antiga do que o cristianismo. A Igreja cristã, para Tillich, é uma “igreja manifesta”.

A crítica de o princípio protestante se forma a partir da resposta do poder do Novo Ser manifesto em Jesus, o Cristo. É justamente aí que termina o protesto protestante (TILLICH, 1992).

Outros importantes conceitos utilizados para a interpretação da história são: autonomia⁵, heteronomia⁶ e teonomia⁷.

Numa perspectiva histórica universal, o conflito entre autonomia e heteronomia pode ser visto como a chave para qualquer compreensão dos problemas da história espiritual da humanidade⁸.

REINO DE DEUS

Da mesma forma que o termo Deus é manifesto ao indivíduo que vivencia uma espécie de “angústia existencial” e pergunta pelo sentido da vida, assim também o é o termo “Reino de Deus”. Ele pressupõe experiências ambíguas e trágicas de uma existência histórica e um questionamento dessa existência. Aqui se apresenta o aspecto existencial do símbolo “Reino de Deus”. Porém, esse símbolo não tem sentido apenas para um indivíduo, mas para uma realidade histórica. A resposta contida no símbolo “Reino de Deus” não pressupõe um lugar distante, uma explicação exata, uma utopia ou somente um lugar presente. O símbolo “Reino de Deus” tem um significado intrínseco. Ele surge em meio aos questionamentos do ser humano à transitoriedade da vida e às ambigüidades da existência humana, mas ele também responde a essas ambigüidades positivamente. Para construir uma resposta positiva e adequada à história, Tillich entende que o símbolo “Reino de Deus” deve ser imanente e transcendente concomitantemente. O mero uso desse símbolo não garante uma resposta⁹ adequada à história.

Em sua obra *A Era Protestante* (1992), ao falar sobre a desintegração espiritual causada pela situação sócio-política e econômica do final do século XIX e da primeira metade do século XX, entende que esta desintegração provém da perda de sentido profundo da vida na civilização ocidental. Os jovens europeus e americanos já estavam caindo num grande niilismo porque, segundo Tillich, o destino lhes havia sido tirado de suas mãos, de forma que eles foram jogados nas ruas por processos objetivos dos quais não participavam. Para haver uma “reconstrução espiritual” na Europa, era importante que fosse feita uma “reafirmação consciente do sentido da vida”, a “descoberta de símbolos” que expressam esse sentido e o “restabelecimento da personalidade e da comunidade” (p.280).

Para Tillich (2005), o símbolo Reino de Deus não está acima da história, mas relaciona-se com ela (p.737). A manifestação do Reino de Deus na história dá-se com a compreensão da Igreja, como Comunidade Espiritual, sendo um instrumento do Reino de Deus, força diretriz do movimento em direção à plenitude da história. Quanto ao fim da história, em sua abordagem escatológica, Tillich (2005) diz: “passado e futuro se encontram no presente e ambos estão incluídos no eterno agora”. Assim, o fim da história pode ser visto como “a elevação do temporal para dentro da eternidade”, “juízo final” e a “superação das ambigüidades” (p. 824-826).

A história não é somente algo estático que decide o destino dos indivíduos, mas um movimento de criação do novo que conduz ao absolutamente novo, simbolizado como o novo céu e a nova terra. O símbolo “reino de Deus” também possui caráter revolucionário e visa uma radical transformação da sociedade, pois expressa respostas a perguntas que foram e sempre serão levantadas e, sobretudo, traz sentido último à existência (TILLICH, 2005, p.76).

Em um dos seus escritos *Direito à esperança* (2006), Tillich pergunta: “Há um direito à esperança em relação à humanidade como um todo?” (p.76). Essa pergunta conduz à questão do Reino de Deus, que, segundo Tillich, não virá em um evento dramático em algum tempo no futuro. Ele vem aqui e agora em cada ato de amor, em cada manifestação de verdade, em cada momento de alegria, em cada experiência com o sagrado. A esperança do Reino de Deus não é a expectativa de um perfeito estágio no fim da história, em que somente uns poucos, em comparação com inúmeras gerações da humanidade, participariam, e o inimaginável momento de miséria de todas as gerações passadas não seria compensado (TILLICH, 2006). A democracia, por exemplo, pode ser vista como uma realização de antigas ideias acerca da igual dignidade de todos os seres humanos diante de Deus e da lei.

ESCATOLOGIA DE TILLICH: REINO DE DEUS E VIDA ETERNA

Tal como fizemos na abordagem sobre a história, é importante também explicar alguns conceitos de Tillich para melhor compreensão do símbolo “Reino de Deus” e de outros símbolos escatológicos.

Ao longo de seu sistema, Tillich modifica muitos nomes que se correspondem e se assemelham a fim de mostrar o sentido e relação clara desses nomes com os elementos existenciais a que são comparados. Termos como: Novo Ser¹⁰; éon; providência histórica¹¹; Presença Espiritual e Comunidade Espiritual¹² são importantes para a compreensão da escatologia de Tillich.

Por último, poderíamos pensar no símbolo da Vida Eterna. A Vida Eterna é o Reino de Deus em sua plenitude, isto é, é a superação não fragmentária, total e completa de todas as ambigüidades da vida, ou mesmo, em todos os graus do ser. Tillich faz algumas perguntas importantes no final de sua

Teologia Sistemática: “O que significa a expressão ‘auto-integração sem ambiguidade’ como característica da Vida Eterna?”; também questiona: “Qual é o sentido da autocriatividade não-ambígua como característica da vida eterna?”; e: “Qual o sentido da autotranscendência não-ambígua como característica da Vida Eterna?” (TILLICH, 2005, p.829). Vemos aqui três elementos que Tillich utiliza em sua *Teologia Sistemática* que ganham atenção especial em sua análise final sobre a vida eterna. São eles: auto-integração, autocriatividade, autotranscendência. Todos esses termos são vistos sob o predicativo “não ambíguo”.

Nota-se que o teólogo se preocupa com as ambiguidades desses termos advindas de sua condição existencial. A resposta a essas perguntas recorre à primeira parte da *Teologia Sistemática* em que Tillich expõe sua ontologia. Na ontologia, Tillich buscava uma estrutura descritível que pudesse ser dada ao “ser” e elementos que compusessem tal estrutura. Os pares de elementos – individualização e participação, dinâmica e forma, e liberdade e destino – agora são vistos sob a preocupação teológica de superação deles; algo que transcenda esse caráter polar e ambíguo. O argumento do teólogo é que o finito sempre transcende a si mesmo quando dá conta de sua finitude e pergunta pelo que está além de si. Assim, a história pode perguntar pelo seu fim quando percebe suas ambiguidades. A resposta a essa pergunta é dada pela teologia, mas sempre de modo simbólico. A teologia apenas possui uma resposta afirmativa à negatividade da vida, da existência, do ser e da história. Ela não consegue detalhar ou descrever um lugar para o qual a história se encaminha, apenas pensa o Reino de Deus e a Vida Eterna como superação total das ambiguidades históricas e um caminho segura pelo qual a humanidade precisa se direcionar. Olhar para tal símbolo não impede o ser humano de agir no presente, ao contrário, apenas motiva sua ação e dá a ele condições de esperar por aquilo que não se corrói, não se perde nas mãos humanas, não é transformado por ideologias, por grupos ou pessoas que desejam poder e domínio.

CONCLUSÃO

Observamos rapidamente o que Tillich entende por símbolo. Após isso, nos atemos às obras do autor que mostram, tanto de maneira teórica quanto prática, o significado que Tillich encontrou para o termo história. Por fim, após análise mais detalhada da história, pensou-se na pergunta que a história levanta por um fim e pela superação de suas ambiguidades juntamente com a resposta direcionada pelo símbolo Reino de Deus.

Como vimos ao longo da pesquisa, o símbolo “Reino de Deus”, na análise histórica, será essencial para criticar diversas formas de idolatrias e atitudes consideradas “demoníacas” que tentam impedir, de alguma forma, o ser humano e a história de autotranscender. Além disso, o símbolo “Reino de Deus”

pode promover um caminho seguro, que se baseia no presente para falar do futuro, se abstém de falar detalhadamente de um lugar futuro e perfeito e, ao mesmo tempo, põe o ser humano e os grupos históricos em condições de esperanças; não apenas uma esperança abstrata e vazia, mas algo impulsionado pela ação de Deus no presente, por atitudes plenas de amor e pela bem-aventurança.

Ao longo do trabalho, procurou-se analisar três aspectos que, para Tillich, estão intimamente relacionados: símbolo, história e Reino de Deus. Todos estes elementos da teologia e filosofia de Tillich possuem caráter dinâmico e bipolar (subjetivo e objetivo). Isso mostra uma chave hermenêutica da teologia e filosofia de Tillich. É preciso entender Tillich correlacionando sempre objetividade e subjetividade, existencialismo e essencialismo, concretude e ideia, liberdade e destino, e diversas tensões que surgem ao longo da história da filosofia e história do cristianismo que Tillich consegue correlacionar. Também é preciso entender a preocupação do autor em superar as condições existenciais que causam ambiguidades. Tal preocupação é levada para o campo da Teologia e recebe respostas simbólicas que dão sentido à existência.

A conclusão mais importante a que Tillich chegou foi a de que o símbolo “Reino de Deus” é adequado para dar sentido à história, assim como os símbolos cristãos escatológicos podem mostrar importantes respostas para a existência. Além disso, não se pode falar do futuro ou de escatologia se não for por meio de símbolos, já que o ser humano não é capaz de expressar algo fora de sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Guilherme V. Ribeiro de. A interpretação simbólica da Queda em Paul Tillich: um estudo em hermenêutica teológica. São Bernardo do Campo, 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo.

HIGUET, Etienne Alfred. O método da teologia sistemática de Paul Tillich: A relação da razão e da revelação. In: *Estudos de Religião*. São Paulo, ano X, n. 10, julho, 1995.

TILLICH, Paul. *Theology of Culture*. Edited by Kimball, Robert C. New York: Oxford University Press, 1959.

_____, Paul. *The Religious situation*. New York: Living Age Books, c1962.

_____, Paul. *The eternal now*. London: Edigraf, c1963. 185 p.

_____, Paul. *On the boundary: autobiographical sketch*. New York: Charles Scribner's Sons, c1966.

_____, Paul. *A history of christian thought: from its judaic and hellenistic origins*. New York: Touchstone Book, A, c1968.

_____, Paul. *Moralidad y algo mas: fundamentos para una teoria de la moral*. Buenos Aires: America 2000, c1973.

_____, Paul. *Dinâmica da fé*. Trad. Walter O. Schlupp. 3. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1985. 87p.

_____, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 1986. 232p.

____, *A era protestante*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: ciências da religião, (b)1992.

____, Paul. *História do pensamento cristão*. Trad. Jaci Correia Maraschin. São Paulo: ASTE - Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, c1998. 265p.

____, Paul. *Amor, poder e justiça: análises ontológicas e aplicações éticas*. Tradução de Sergio Paulo de Oliveira. São Paulo: Novo Século, 2004. 109 p.

____, Paul. *Teologia sistemática: três volumes em um*. Trad. Getulio Bertelli, Geraldo Korndorfer. 5. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.

____, Paul. *Textos selecionados*. Fonte Editorial: São Paulo, (a)2006.

____, Paul. *The Interpretation of History* (1936), Online edition:

<<http://www.religion-online.org/showbook.asp?title=375>>, Bison Press edition, (b)2006.

¹ Em sua obra *The Religious Symbol*, há quatro características do símbolo; já em *Religious Symbols*, apenas duas características são destacadas. Também na obra *The Meaning and justification of Religious Symbols* há uma quinta característica (CARVALHO, 2007, p.39).

² Logicamente, quando se trata de relato, é necessário que haja alguma forma de acontecimento, independente de como realmente tenha ocorrido o evento, para ser possível o relato. Entretanto, Tillich usa a expressão "acontecimentos históricos" referindo-se àquilo que já está relatado e não ao fato em si, ou seja, os relatos históricos não são necessariamente o evento puro, mas a interpretação dele (TILLICH, 2005, p.740).

³ O princípio protestante não é uma ideia particular, religiosa ou cultural; não se submete às variações da história (...) Trata-se do critério absoluto do julgamento de todas as religiões e de todas as experiências espirituais; situa-se nas suas bases, tenham ou não consciência dele. (TILLICH, 1992, p.14).

⁴ Há um artigo de Paul Tillich escrito em Alemão que traz importantes reflexões sobre o tema. O nome do artigo é "Justificação e dúvida". Nesse artigo, ele descreve a superação da experiência da falta de sentido por meio da consciência da presença paradoxal do "sentido na falta de sentido" (TILLICH, 1992, p.17).

⁵ Em relação à autonomia, Tillich (1986) diz que ela descreve situações que se separam das fontes transcendentais da vida e de seus alvos, por exemplo: o ceticismo grego, o renascimento, o iluminismo e o secularismo (p.19).

⁶ Em contraste à teonomia, a heteronomia é a tentativa religiosa de dominação da criatividade cultural autônoma, a partir de fora. Há também outro conceito importante para Tillich (1992) que deriva da autonomia, a "autonomia autocomplacente"

— representada pelo humanismo secularizado e manifesta em diversas outras interpretações históricas. A autocomplacente autonomia corta os laços da civilização, de seu fundamento último e de seu alvo supremo, levando-a ao vazio espiritual e à exaustão (p.18).

⁷ Tillich (1992) define teonomia como: "a cultura na qual o supremo significado da existência reflete por meio de todas as formas finitas de pensamento e ação; a cultura faz-se transparente, e suas criações são vasos de conteúdo espiritual" (p.18). O ideal da cultura teonômica jamais se realizará na terra devido à alienação existencial que vive o homem. Porém, em partes pode haver essas realizações, as potencialidades humanas podem se realizar por meio da presença orientadora do Espírito, dando poder, significado e orientação às formas autônomas da vida.

⁸ A história da filosofia grega, para Tillich (2005), pode ser descrita como uma "curva que começa com o período pré-filosófico" (período teonômico por causa da mitologia e cosmologia), seguindo-se então a "lenta elaboração das estruturas autônomas da razão (pré-socráticos)", a síntese clássica da estrutura e profundidade e a racionalização de tal síntese em diferentes escolas (Platão e Aristóteles), o desespero da razão em sua tentativa de criar autonomamente um mundo onde se possa viver (ceticismo), "o trans-

cender místico da razão" (neoplatonismo), o questionamento das autoridades do passado e do presente, a criação da teonomia cristã e a intrusão de elementos heterônomos (TILLICH, 2005, p.784).

⁹ Esse sistema que Tillich estabelece de perguntas e respostas faz parte do seu método usado em toda sua Teologia Sistemática, chamado "método de correlação". Nesse método, o ser humano e a existência formulam perguntas e estas perguntas são respondidas pela revelação, de modo que há interdependência mútua. As respostas dadas pela revelação são sempre simbólicas, pois possuem sentido existencial e, ao mesmo tempo, expressam uma realidade infinita a partir da finitude (TILLICH, 2005, 74-79).

¹⁰ O Novo Ser é visto como um ser essencial que, sob as condições da existência, transpõe o abismo entre essência e existência. Uma espécie de releitura do que Paulo considera como "nova criatura" quando se refere àqueles que estão em Cristo. Nessa direção, o que participa na novidade do ser que está em Cristo se tornou nova criatura. Da mesma forma que Jesus como Cristo, para Tillich, é uma criação do Espírito Divino, o que participa em Cristo é feito nova criatura mediante o Espírito. O novo ser é efetivo e vence a alienação da existência efetiva e concreta. Em termos do simbolismo escatológico, pode-se dizer que o Novo Ser é o fim da existência vivida na alienação, em conflitos e em autodesrealização. A aparição de Cristo é realização "em princípio", a manifestação do poder e o começo da plenitude; e também "escatologia realizada" na medida em que nenhum outro princípio de realização pode ser esperado; a plenitude. O éon, por sua vez, pode ser entendido como um "novo estado de coisas" (TILLICH, 2005, p.408-409).

¹¹ O termo "providência histórica", para Tillich, não é algo determinista, estabelecido antes da criação do mundo. Este termo se relaciona com a noção de "criatividade diretiva de Deus" em que a polaridade de liberdade e destino é aplicada na relação entre Deus e o mundo; a criatividade diretiva de Deus atua mediante a espontaneidade das criaturas e a liberdade humana (TILLICH, 2005, p.803). Na análise histórica, Tillich opta pelo termo "providência histórica" que tem como alvo o novo para o qual a história se encaminha, tanto o alvo particular quanto o alvo absoluto. O conceito de providência histórica também inclui a rejeição do que Tillich chama de "um pessimismo reacionário e cínico" (TILLICH, 2005, p.804).

¹² Em relação à "Comunidade Espiritual", Tillich a entende como uma espécie de Igreja ou mesmo Reino de Deus, porém, utiliza outra terminologia porque ela não está reduzida ao mundo da fé, contempla também os grupos seculares. Também não diz diretamente Reino de Deus porque redimensiona a ideia de Reino de Deus para uma relação com a história. "A comunidade Espiritual é a comunidade do Novo Ser" (TILLICH, 2005, p.607). A Presença Espiritual, por sua vez, assim como o Novo Ser ou o ágape, aponta para algo sem ambiguidade.